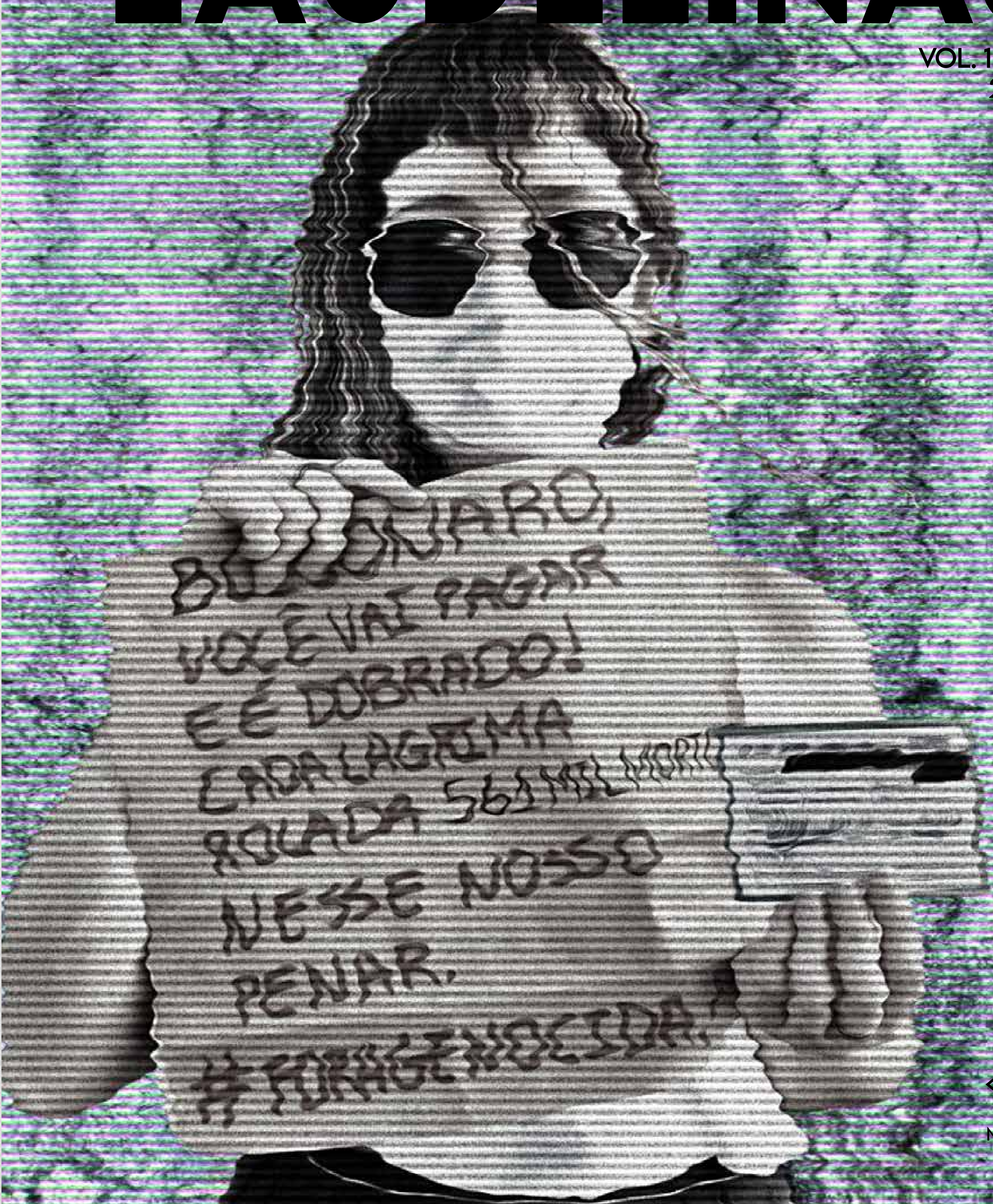
LAUDELINAS

VOL. 1 N 6
2021



MIRADA

EXPEDIENTE

LAUDELINAS

VOLUME 1. NÚMERO 6.2021
ISSN 2675-6803
SELO EDITORIAL MIRADA
RECIFE - PERNAMBUCO

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

Taciana Oliveira

Olá! Nos encontramos mais uma vez para compartilhar a sexta edição da revista Laudelinas. Nesta data em que se comemora a Independência do Brasil, apoiadores de um governo antidemocrático e neopentecostal celebram uma realidade hostil que atropela sistematicamente o limite do absurdo. Nos últimos meses assistimos incrédulas a destruição do meio ambiente e de parte do acervo histórico da Cinemateca Brasileira. Vivemos em uma nação devastada pela morte, pelo desemprego e pela fome. Sobrevivemos imunes ao rebanho, mas jamais compactuamos nem compactuaremos com a lógica genocida de quem toca esse berrante. Portanto, voltamos a reafirmar nosso compromisso com os valores democráticos e os direitos humanos. Nunca é tarde para defendermos a Educação Pública, o Sistema Único de Saúde (SUS), a Cultura Brasileira, os povos indígenas e quilombolas e toda forma de amor.

DESPATRIADA

Thais Guimarães

Neste "7 Setembro", em que não há nada para se comemorar, o desgoverno do País orquestra atos de conflito. Em 520 anos, o Brasil não retorna à infância, mas à proto-história. Contudo me vem à cabeça uma canção popular nas brincadeiras infantis: ***Marcha Soldado***. Nunca a cantei com minha filha por seu teor militar, embora a escola o tenha feito, talvez por não questionar a letra. Letra que tão bem se aplica ao momento atual e encontra ecos no "infantilismo" do Presidente, apenas mais um dos seus distúrbios de personalidade que traz a marca da inconsequência. Portanto, vejamos o que diz a musiquinha que bem poderia substituir o hino no ato presidencial.

Na primeira estrofe temos: ***Marcha soldado / cabeça de papel*** - os soldados instados a marchar são atores servis, suas cabeças são referenciadas como papel, no caso em branco, no qual as ordens superiores são escritas. E, para aqueles que não cumprirem o que foi determinado há uma ameaça: ***Se não marchar direito, vai preso no quartel***. Uma ameaça velada que se estende a todos da nação que se manifestarem contra a "marcha certa". Uma ameaça que passa pela voz de quem tece elogios a torturadores - que seguem impunes, pela voz de um homem que conhece muito bem a história escura e sangrenta dos quarteis para onde presos políticos foram levados, torturados e brutalmente assassinados.

Na segunda estrofe, encontramos uma complexidade maior, anunciada logo no primeiro verso: ***O quartel pegou fogo***. Cabe refletir que "fogo" é esse, qual o simbolismo deste incêndio. As labaredas deste fogo metaforizam a possibilidade de um levante da nação. Porém, mais além disso, sabemos que o fogo já está ateado e se alastra diariamente, queimando nossas florestas, ceifando vidas pelo descaso de um "capitão reformado" que sabe muito bem atear fogo em um quartel e planejar explosões de bombas. E esse capitão - que galgou sem méritos o posto de "comandante" - segue, com sua postura imatura, a batida da "marchinha do soldado", pontuando que a nação deve temer a vigilância da polícia, ou melhor dito, da milícia. Como no verso seguinte da música - ***A polícia deu sinal***. E esse sinal é um aviso de que a "bandeira nacional" será protegida, conforme os dois últimos versos: ***Acode, acode, acode / A bandeira nacional.***

Afinal, a bandeira de qual nação precisa ser “acudida”?

Mais do que um lugar onde uma pessoa nasce, nação é pátria, é um espaço de pertencimento, de acolhimento e de amor. A bandeira de uma pátria carrega mais do que cores, carrega símbolos caros aos seus povos. As cores de nossa bandeira já estão em brasas, numa paleta misturada pelo ódio, tornando nossa terra cada dia mais cinzenta.

Para essa bandeira não há redenção. Não há socorro. É impossível hasteá-la, pois está arriada pelo peso da vergonha.

Por isso, faço coro a pergunta lançada pela imensa Dorrit Harrazim referente ao dia 7 de setembro: “É dia de qual pátria?”

Da que bateu recordes de mortos pela pandemia? Da que abandona seus povos? Da que destrói sua natureza? Da que caminha a passos largos para o abismo da violência? Da que destrói seus bens culturais? Da que despreza a ciência? Da que defende torturadores e financia milícias? Da que se funda na vingança? Da que está afundada na lama de mentiras, vilezas e corrupção?

Pois, que marchem agora os soldados no ritmo da musiquinha mais certa, regidos pelo infantilismo de um líder inconsequente que faz galhofas, achincalhes e zombarias com o país. Pois, que marchem os “cabeças de papel”. A marcha por uma pátria pútrida.

Na contramarcha, não há exército, há 68% dos brasileiros unidos por uma mesma ideia: Fora, com essa farsa!

Na contramarcha, há milhares de seres humanos que acreditam no sentido pleno de nação. Pois, como escreveu Rui Barbosa: “A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não delatam, os que não emudecem, os que não se acovardam, mas resistem, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo.” Essa é a Pátria que espero comemorar no dia 7 de Setembro de 2023.



Thais Guimarães, mineira, nascida no Ceará, é poeta e escritora. Tem as seguintes publicações: *Jogo de Cintura*; *Dez Pretextos para uma noite de solidão*; *Jogo de Facas*; *Seis Poemas; Notas de Viagem; A Poetisa (que ganhou 1º LUGAR NA OFF-FLIP/2019)* e *Uma praça chamada Liberdade (*escrito em parceria com o poeta Carlos Ávila). Ganhou um Prêmio Jabuti, em 1988, com o infantojuvenil - *Bom Dia, Ana Maria.* E publicou, em abril deste ano, o infantil "Senhor Relógio", com ilustrações de Silvana de Menezes. Desde os anos 1980, coordena, pontualmente, oficinas de escrita para jovens e para professores. Paralelamente, trabalha no setor do audiovisual, tendo sido coautora do roteiro do documentário "Obra Falada", que mostra como as pessoas com deficiência visual constroem suas relações com as obras de arte contemporânea.

SOBRE CONTRATOS SOCIAIS (IN)VISÍVEIS

Rebeca Gadelha

Não havia um contrato de exclusividade — nunca houve — pensava que, para certas coisas, um pouco de bom senso bastaria; formalidades pareciam desnecessárias, apenas o bom senso — só um pouco — era necessário,não seria pedir muito. Enganei-me. Deveria mesmo ter recorrido às cláusulas de um contrato ou acordo qualquer para não só fazer valer estes direitos de filha, mas também para fazê-lo ver o tamanho da injustiça que cometia contra alguém cujo único delito (até agora) fora nascer e permanecer vivo; dois crimes sobre o qual não possuo qualquer controle.

De uma tacada só tomou-me um direito tão pequeno, mas tão essencial e, fácil assim, despedaçou-me em tão tenra idade, fazendo para sempre presente a saudade das coisas que nunca tive. Agora deita no regaço da tua terceira esposa e acalenta o irmão que não conheço e não conhecerei nunca, falta-me o cinismo, a hipocrisia, o sangue frio ou a alma cristã, que não importa como chamamos, não o muda o que — essencialmente — é. Falta-me isto, este qualquer coisa, assim como em ti faltou a vontade, o desejo, a maturidade de ver em mim a parte de ti que te cabia; ausentou-se dizendo que fui uma criatura demasiado prematura e o quanto isto te assustou, diz isto na minha cara com a mesma voz plácida de quem pede um café e depois espera. Espera o que? Que deseja de mim agora que não pode mais me carregar nos braços? Que espera que exista ainda nesse resquício de criança que permanece aqui? Que espera agora que não pode mais mostrar para teus amigos a foto de uma criança e dizer, num tom sentido, que tua ex é uma megera que sofre de ciúmes doentios pela pequena — e, que absurdo! — não a confia a ti? Tu, que só sabe cuidar de ti mesmo e de mais ninguém. Tu, o próprio pai. Não será porque a única coisa que a torna esta singular criatura, que torna possível esta tal identificação seja algo tão ínfimo quanto uma certidão de nascimento e um bocado de material genérico que poderia ter ido ralo a baixo?

Quanto a mim, resta o que? A única lembrança de tua existência vem destes pedaços de papel no qual teu nome cons-

ta, todo resto é um vazio, uma ausência, um amontoado de coisas que poderiam ter sido e nunca foram. Agora, observa, ouve, percebe o tamanho da injustiça que cometeu: está ai em teus braços o filho pródigo, bem sabe que pode ter quantos quiser, todos tão diferentes de mim, a primogênita, o erro, o sucesso do fracasso, o momento errado. Percebe, meu caro, como só há um de ti, como somente pude ter a ti e nem isso escolhi, desejei ou tive, percebe a injustiça? Percebe que tuas chances vieram e se foram, percebe como é tarde para ambos, mas percebe — e não insista nos velhos vícios, não quebre a criatura que repousa em teus braços antes mesmo de dar a ela a chance de ser completa.



Beca é otaku, gamer, amante de gatos e chá gelado. Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. Trabalha com design e diagramação do Selo Mirada e é responsável pela edição de vídeo do Literatura & Libras (@literaturalibras), projeto de acessibilidade que desenvolve em parceria com a amiga e intérprete Liliana Ripardo. *Reminiscências* (Selo Mirada, 2020) foi seu livro de estreia solo.

ALQUIMIA DO CALOR

Carol Sanches

a alquimia do calor
acontece
enquanto respiro
o ar entra frio
e sai quente
das minhas narinas

mesmo nos picos
mais nevados
dos extremos do mundo
o ar entra frio
e sai quente
das minhas narinas



Carol Sanches nasceu em Campinas em 1981. Autora de Não me espere para jantar (Patuá, 2019), menção honrosa no Prêmio Maraã de Poesia 2018, e dos livros independentes *Poesias Pormenores* (2007) e *Toda diva tem divã* (2008). Fez parte das antologias poéticas *Prêmio Sarau Brasil 2018* e *Quem dera o sangue fosse só o da menstruação* (Urutau, 2019). Seus poemas foram publicados em revistas digitais como Mallarmargens, Gueto, Ruído Manifesto, Escrita Droide e Literatura&Fechadura.

A GLAMORIZAÇÃO DA BARBÁRIE

Iaranda Barbosa

Nossa atração por castelos, reis, dragões, cruzadas, terraplanismo, caça aos infiéis etc etc etc etc etc ultrapassa as fronteiras de um passado medieval inventado ou de reminiscências peninsulares. Eurocêntricos, ainda hoje transitamos no ir e vir contínuo por diversos Estados entre a antiguidade, o medievo e o moderno em nossa condição ora de escravos, pelas dívidas contraídas, ora de vassalos, ao emular costumes, atitudes, comportamentos.

Almejamos ser reflexo da Europa e, a cada tentativa, o resultado sai um pouco às avessas, é verdade. Em vez de direito divino do rei, alegamos o direito divino da presidência. Não justificamos a pandemia culpando o alinhamento dos planetas ou os judeus, mas sim imputamos o carnaval e as escolas de samba, cujas alegorias profanas despertaram a fúria divina, fazendo cair sobre nós um vírus sufocante. Para que teóricos do absolutismo se temos teóricos do absurdismo? Aqui, a burguesia se fortalece na sociedade das "três ordens", a fragmentação política fomenta o mercantilismo das vacinas, o tráfico de influências alimenta a colonização das estatais, o fortalecimento do comércio nos impulsiona à expansão para outros mares, exaltamos o pantation, afinal, o agro é pop.

Almejamos ser contemporâneos, mas as guilhotinas, onde repousariam cabeças de reis francos, foram substituídas por facões enferrujados destinados aos pescoços dos reis do cangaço, aos conselheiros, aos zumbis, aos alferes.

Demos um passo atrás e caímos no abismo em eternos rodopios que nos fazem engolir fidalguias e vomitar soberanias recheadas de sobrenomes estrangeiros. Enviamos um cavalo troiano blindado para ocupar (invadir?) e pacificar (?) territórios bárbaros.

Corroemos tentativas do renascer artístico, demonizamos a ciência, montamos fogueiras para fazer sumir diante de nossos olhos tudo o que mais nos incomoda: em vez de bruxas, queimamos documentos da escravidão, com a justificativa de esta ser uma instituição funestíssima culpada por paralisar nosso desenvolvimento; motivados por brincadeiras infantis de meninos ricos e imputáveis,

ateamos fogo em indígenas deitados em paradas de ônibus na capital do país, ao confundi-los com mendigos; incendiamos estátuas em prol da reparação histórica; queimamos travestis em frente a um cais com nome de santa; fazemos arder florestas e animais em favor do progresso; incineramos jovens que se divertem em boates; inflamamos museus; abrasamos cinematecas; cremamos garotos que sonham ser jogadores de futebol; ardemos no alto dos edifícios ocupados por sem teto; provocamos labaredas exorcistas em templos de religiões de matrizes africanas.

Degolamos fuzilamos esquartejamos sufocamos subjugamos satanizamos incendiamos em nome da civilização. E todos os ossos bárbaros, todas as cinzas infiéis vão para debaixo do tapete.



Iaranda Barbosa, formada em Letras Português-Espanhol, pela UFPE, possui mestrado e doutorado em Teoria da Literatura pela mesma instituição. *Salomé* (Selo Mirada), novela histórica é sua primeira obra ficcional longa. A autora possui contos em antologias e revistas de arte, assim como diversos artigos científicos publicados em periódicos especializados em crítica literária.

A ÚLTIMA CEIA*

Christiane Angelotti

"[...] Ur-Fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis. Seria muito confortável para nós se alguém surgisse na boca de cena do mundo para dizer: "Quero reabrir Auschwitz, quero que os camisas-negras desfilem outra vez pelas praças italianas!". Ai de mim, a vida não é fácil assim! O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o indicador para cada uma de suas novas formas — a cada dia, em cada lugar do mundo." (Umberto Eco, 1985)

Aquele havia sido o último Natal da família Silva. Tereza, a avó, sabia disso e caprichou o máximo que pode com a ceia, apesar da pouca comida. Preparou uma travessa de polenta, já que conseguiram meio quilo de farinha de milho e poderiam usar tudo de uma vez, e incrementou o molho de tomate enlatado com algumas ervas que ainda resistiam no quintal de casa. Aguardava a chegada do marido que, com sorte, conseguiria trazer mais alguma coisa para reforçar o jantar. A família, outrora acostumada à fartura dessa época do ano, com a ceia repleta de variados pratos e guloseimas, que nem sempre combinavam entre si, mas eram típicos e capazes de agradar todos os paladares das quase vinte pessoas que se reuniam somente nessas ocasiões, se preparava para a refeição de despedida.

Dos quatro filhos do casal, dois moravam fora. A caçula, Viviane, estudava em um país vizinho e não conseguira permissão para retornar. Os contatos por telefone ficaram escassos, tudo indicava que as ligações eram monitoradas e o risco de serem presos estava cada vez maior. Por serem uma família de cientistas, jornalistas e professores, o Estado os considerava perigosos, má influência. Mas eles sabiam que não era só isso, a religião era o principal motivo. Por sorte, Viviane conseguira enviar seu endereço para a família escondido em um livro falso trazido por um amigo que trabalhava no aeroporto, assim como mandou um mapa com toda a rota para

---

*Conto publicado originalmente na coletânea Antifascistas, Editora Mondrongo, 2020.

uma cada vez mais inevitável fuga. Ela os esperaria numa cidadezinha litorânea do país em que morava, já em segurança, logo após o Natal.

Um dos filhos do meio, Júlio, morava na região Norte, que fora isolada do restante do país e dificilmente conseguiria atravessar a barreira do exército para passar o Natal com a família. "Só tentaria se fosse louco", diziam os irmãos.

Tereza e Antônio eram casados há trinta e cinco anos, ela, professora, ele, biomédico. Começaram a ser perseguidos primeiro em seus trabalhos. Antônio estava desempregado, trabalhava em um setor extinto no país, pesquisa de vacinas. Tereza não podia falar sobre alguns fatos históricos do passado, o Estado mudou o conteúdo dos livros e basicamente o que seus jovens alunos aprendiam era uma cartilha de doutrinação religiosa. A cartilha era acompanhada por um livro de etiqueta e bons costumes, no qual era indicado que as mulheres casadas usassem roupas cinzas, para não chamar a atenção de outros homens, as viúvas usavam preto, as solteiras usavam vestidos cor de palha e as meninas crianças vestidos cor de rosa. Os homens não tinham identificação do estado civil pela roupa, e sim faixas etárias. Homens acima de cinquenta se vestiam de cinza, os mais jovens de branco ou palha e até dezoito anos de azul. Os trajes eram fornecidos gratuitamente pelo Estado, que justificava o uso como meio de evitar crimes sexuais e organizar a sociedade. "Nós não vivemos mais em uma democracia e a população se sujeitou sem reagir!", indignava-se Antônio.

Agora precisavam fugir do país.

Mas era Natal, eles evitariam pensar no pesadelo que enfrentavam nos últimos dez anos. Enquanto Tereza organizava a ceia, em um pequeno quarto apertavam-se, sob um colchão no chão, as três crianças, Ana, de nove anos, e os gêmeos de dois anos, Carolina e Pedro.

Às dezoito horas as crianças foram chamadas para o outro quarto. A avó Tereza havia colocado a polenta em seus pratos. "Vamos comer todos sentados no chão, como em um piquenique", disse, fingindo estar animada. Os mais novos acharam a ideia muito divertida, mas Ana sentiu um arrepio no pescoço. Uma sensação estranha. Percebeu a tensão dos adultos. Ana não compreendia o motivo de não poder mais ir à escola, ver seus amigos, voltar para sua casa e brincar na rua. Tudo o que sabia é que tinham que ficar com os avós escondidos para não serem presos e que ser preso era ruim, as crianças eram separadas de seus pais. Fazia mais de um ano que não via outras crianças além de seus irmãos. Levou um susto quando, na semana anterior, saiu com o avô e viu a rua destruída, os prédios abandonados, os carros revirados, e do parque da pequena praça só restara o escorregador tombado no chão.

Vó Tereza anunciou às crianças que eles iriam até a praia pegar um barco para

fazer uma viagem de aventura. “É uma aventura um pouco perigosa, por isso terão que fazer silêncio, mas quando estivermos em alto-mar estaremos bem”. Ana lembrou-se de quando toda a família se reunia na praia e a avó lhe ensinara a boiar. Ana amava a sensação de paz proporcionada pela experiência de se deixar à deriva. Ali, com os braços e as pernas afastados e estendidos, tronco alinhado, a menina sentia-se leve e feliz.

A família comeu a polenta e o pão que o avô Antônio trouxe. Os adultos colocaram suas mochilas nas costas. Ana estranhou que todos estavam com roupas diferentes, calças e camisas escuras, inclusive as mulheres. Caminharam por cerca de uma hora sobre escombros e um silêncio incomum. Tereza olhava para o céu e observava a lua, estava confiante, ainda que buscasse um sinal de que tudo daria certo. A certa altura a família entrou em um carro dirigido por um amigo que os aguardava, todos apertados, e as crianças logo adormeceram.

Ana não sabia ao certo quanto tempo dormiu, acordou com sua mãe dando batidinhas leves em seu ombro. “Acorda, Ana. Chegamos!” Ana sentiu o cheiro da maresia e ouviu o barulho das ondas, embora não conseguisse, na escuridão, enxergar o mar.

Chegaram à beira da praia, mas não havia barco. Só dois botes e outras famílias em silêncio. O avô Antônio conversou com um grupo de homens que pareciam ser os responsáveis pelos botes, deu-lhes dinheiro, aproximou-se de sua família e passou as últimas instruções, seguro como se já tivesse passado por aquilo antes. “Os botes nos levarão ao barco que está uns quatrocentos metros distante da praia.” Tereza não sabia dessa informação e entrou em pânico. “Dois botes para essa gente toda?”. Ana percebia que os adultos estavam apreensivos. Sua mãe tentava fazer com que um dos gêmeos parasse de chorar. Uma voz sobressaiu-se da multidão e pediu que entrassem rapidamente nos botes. Alguns dos homens responsáveis pela travessia permaneceram na praia. Rosa perguntou sobre os coletes para as crianças. Não havia coletes.

Tereza se aproximou do filho e deu-lhe um beijo na testa. “Vai dar tudo certo!”. Sussurrou no ouvido de Ana: “Vamos chegar até o barco e depois encontraremos a tia Viviane em outro país, estaremos salvos!”

Ana segurou a mão de sua avó, queria que ficassem perto no bote, mas quando as pessoas começaram a subir nele, a menina perdeu Tereza de vista, e imaginou que ela tivesse ido no outro. Ana sentou-se entre as pernas de sua mãe que agarrava a pequena Carolina nos braços. O pai, sentado ao lado da mulher, segurava o outro filho.

Em meio à escuridão, ao choro e à gritaria, Ana não conseguia identificar ninguém além de sua mãe e da irmãzinha. As luzes da praia foram ficando distantes e as ondas do mar cada vez mais agitadas. Rosa abraçava as filhas e cantava alguma

cantiga de ninar, mas sua voz mal saía com o tremor de seu corpo.

As ondas foram ficando mais fortes e o motor do bote começou a falhar. Não havia sinal do barco. Minutos antes, ou segundos, Ana escutou um barulho que parecia de fogos de artifício. Algumas pessoas se jogaram na água. Ou caíram? Os gritos eram tão altos que Ana começou a chorar. Choro com gosto de mar. O bote afundava e as pessoas começaram a se empurrar. “João!”, foi a última coisa que Ana ouviu de sua mãe, uma voz trêmula e fraca. Rosa caiu na água e logo perdeu Carolina de seus braços. Ambas desapareceram dentro do manto negro das ondas. Não viu seu pai, seu irmão ou seus avós. Em meio à histeria, Ana afundou e viu a lua distorcida de dentro da água. Lembrou-se da avó ensinando-lhe a boiar. Tentou chegar à superfície, mas não tinha forças nos braços e nas pernas. O borrão da lua foi ficando menor e menor.

* * *

Cerca de quarenta e oito horas depois daquela madrugada de Natal, quarenta corpos em estado de decomposição foram encontrados em uma praia do país vizinho. Levados pela correnteza, chegaram ao destino pretendido. Entre eles, o de uma menina de nove anos.



Christiane Angelotti é escritora e coordenadora editorial no Grupo Planeta. Graduada em Fonoaudiologia pela PUC-SP, pós-graduada em Distúrbios da Comunicação/Neurorreabilitação. Especialista em edição de livros de literatura infantojuvenil e educação. Desde 2002, trabalha com conteúdo para sites infantis. Tem textos publicados em livros didáticos e sites educativos. É produtora de conteúdo, pesquisadora em infância, fundadora do portal Para Educar. Tem contos publicados em revistas literárias e nas coletâneas *Gueto Impressa* volume 1, *Gueto Impressa* Volume 2 (ambas pela Editora Patuá), *Laudelinas* volume 1 (Editora Mirada) e *Antifascistas* (Editora Mondrongo).

REZA BÊNÇÃO OU POEMA PRESENTE

Vânia Melo

Ọrẹ yeye ó! Oṣùn a gbé wa ó!
Minha Mãe é Deusa, Rainha
que habita um trono doce,
habita todas as águas
e de mim afasta todo mal.
Ensina-me a lutar,
a amar o que vejo no espelho.
Ensina-me o que é pra cortar,
o que é pra gostar,
quando devo adoçar,
pelo que devo batalhar,
quando apenas assistir,
que nunca devo me desesperar.
E num gesto de puro amor, peço:
- Mãe, me dá colo, me dá afeto...
Ela sempre esteve ali,
Nem sempre vi...
Me entrego...
Ô, Mãe!
E ela me ensina, me nina
Eu me deixo embalar, cuidar

Com Ela dissolvo, me resolvo
de dores, horrores, teimas...
Mamãe Ọṣùn veste meu corpo,
minha vida e cada verso de meus poemas.
Ọrẹ yeye ó!



Vânia Melo, filha de Oxum. Mestranda no Programa de Literatura e Cultura da UFBA, Especialista em Metodologia do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira pela Faculdade São Salvador, graduada em Letras Vernáculas pela UFBA. Professora. Escritora. Participou de várias coletâneas de poesia, entre elas: *Cadernos Negros, Profundanças, Revista Organismo, Sangue Novo*. Em 2018, lança seu primeiro livro solo pela editora baiana Organismo: *Sobre o breve voo da borboleta e suas esquinas*. Sou feita de água, fogo, flor e espada e me pertenço. Sou mulher preta e escrevo o que sinto e desejo.

APRENDER O SILÊNCIO*

Wanda Monteiro

Se ele estivesse entre nós, aqui e agora, me diria sobre o silêncio que me acomete e sobre o aparente vazio dessa estação chamada saudade.

A saudade de Miguel será sempre um silêncio.

Nessa noite de lua cheia, o assombro da pandemia e das mortes, anunciadas no horário nobre da TV, me fez lembrar de um pretérito abril, avassalador em seus silêncios. Primeiro, veio o silêncio da mãe. Luiza se calou, diante dos olhos das filhas e do filho, sobre a ausência do pai e se calou diante da dúvida dos dias vindouros. Depois, foi silêncio de Sabá e de todos que lhe assistiam nos cuidados da casa. Sabá, mulher forte, de voz rouca que tinha firmeza em seus gestos e palavras, era uma tapuia que veio da cidade ribeira para ajudar Luiza a cuidar de sua primeira filha. A filha cresceu e ela foi ficando, foi ficando. Sabá era nossa guardiã. Era a guardiã das manhãs, das tardes e das noites que abarcavam os cinco pequenos de Luiza.

Luiza a mãe com seus olhos de vigília, seus braços que se abriam feito asas de afeto e sua voz de abrigo.

Éramos cinco: Conceição, a irmã mais velha, era zelosa e muito reservada. Carla vivia num mundo de sonhos, gostava de ouvir música. Até hoje, não sei onde foram parar os sonhos de Carla. Benjamin, mais novo que eu, sorria com os olhos e quando sorria parecia um sol. Inês, a caçula, era umabebê com cabelos que pareciam cachos de ouro. Inês era o nosso girassol. E eu, a filha do meio. Estávamos, todos, testemunhando a fuga das palavras que se escondiam entre paredes e portas fechadas. Se escondiam no aparelho de rádio que ficava na cozinha, permanentemente desligado por ordem de Luiza. As palavras fugiam, pediam exílio aos escaninhos do medo.

Miguel, o pai, sofreu a cassação de seus direitos civis pelo golpe militar, por ser considerado um perigoso subversivo que defendia a reforma agrária. Mas para nós, os pequenos, as palavras: cassação, direitos civis, golpe militar, reforma agrária

---

*Conto extraído do livro *Chão de Exílio* (AMO Editora, 2021)

eram palavras sem imagem. Essas palavras eram outros silêncios.

Nós nos olhávamos e nos abraçávamos sob o denso e pesado silêncio. Estávamos na cobertura da casa erguida no bairro do Umarizal, casa acolhedora de varandas protegidas por cobogós – uma espécie de tijolo ornamental vazado – eles eram de cor rosada. Toda a casa era rosada.

Sabá chegou nos aninhando e falando baixinho:

– Crianças corram pro meu quarto e fiquem lá, quietinhos. Não façam nenhum barulho. Nenhum, viu! Vamos fazer de conta que estamos brincando de esconde-esconde.

Obedecemos Sabá, ficamos em silêncio. Minutos após, ouvimos os gritos do tio Antonio, que olhava a rua pela janela da sala:

– Luiza! Luiza! Eles chegaram, estão armados. Eles vão invadir o jardim.

E a voz de Luiza dizendo:

– Mano do céu, eles vieram atrás de Miguel. Mas eu não sei de Miguel e não tenho ideia de onde ele esteja.

As paredes do quarto de Sabá pareciam encolher e nos esmagar. Todos os silêncios daqueles dias se partiram naquele pequeno cômodo de uma porta e uma janela que dava para o quintal da casa. As vozes angustiadas de Luiza, tio Antonio e Sabá quedavam e rastejavam até o vão da porta, e chegavam como lâminas em nossos ouvidos. Éramos tão meninas.

Benjamin tão pequenino e Inêz, um bebê. Experimentávamos o medo pela primeira vez. Era um medo cego. Mas, não era um medo surdo diante do barulho do terror.

– Sou oficial do exército. A senhora tem conhecimento de que seu marido está foragido e de que ele é acusado de subversão? O Comando recebeu denúncias de que ele está aqui. Temos notícias de que nesta casa tem um bunker que serve pra reunião dos comunistas. Onde ele está? Onde fica o bunker?

Luiza, atormentada e muda, não conseguia dizer uma palavra. Tio Antonio saíra pela porta dos fundos para pedir ajuda, e Sabá montava guarda na porta do seu quarto, dizia murmurando: – Fiquem em silêncio crianças. Mas, Inês, a caçula, começou a chorar alto, muito alto.

Os oficiais do exército, fardados e adornados com sua maior empáfia e autoridade opressora, começaram a gritar:

– De onde vem esse choro? São os filhos do subversivo? Onde eles estão?

Luiza saiu de sua mudez e correu para a porta do quarto de Sabá gritando:

– Não façam nada com meus filhos, pelo amor de nossa senhora de Nazaré, não toquem neles.

Luiza era uma mulher muito católica e devota de Nossa Senhora de Nazaré e

desde o dia que Miguel não voltou para casa, ela acendia, cotidianamente, uma vela para sua Nazica, pedindo proteção para o marido. Para nós, ela dizia que Miguel estava fazendo uma viagem longa.

No agora, essa estação de saudade me acomete esse breu, essa dormência na memória: a casa, toda ela, nublada. Mas, eu posso lembrar do cheiro e das cores do tormento. Eu posso lembrar do tom acinzentado das vozes, dos gestos violentos, dos passos das botas negras e lustradas pisando sobre o nosso chão. Posso lembrar daquelas pernas, vestidas de selva, que se agigantavam diante de meus olhos atônitos, diante de meu medo. Ainda posso lembrar das metralhadoras apontadas para nós.

Eu posso lembrar até de algum constrangimento, de alguma vergonha nos olhos de alguns soldados, que quase fechavam os olhos em nos apontar suas armas. Mas, a obediência era cega e silenciosa.

Nesse abril de silêncios, minha mãe Luiza, eu, minhas irmãs e meu irmão, ficamos no escuro e sob a mira de metralhadoras. Estávamos lá, no escuro do escuro, no medo do medo. O tal bunker que eles alegavam existir era o porão de nossa casa, a casa rosada. Os militares, vestidos com uniforme da infantaria de selva, invadiram a nossa casa com fúria. Ainda posso sentir o cheiro do ferro, o cheiro de borracha queimada de suas botas a ranger sobre o assoalho da casa. Lembro da voz comandante ordenando que nos levassem à força para o porão de nossa casa. Eu lembro do cheiro de sua fúria.

No porão, havia uma grande e escura dispensa, cuja única entrada de ar era feita por duas persianas de madeira e uma pequena porta de madeira. O porão, esse era o suposto “bunker” que, por anos, em vez de reunir comunistas, foi povoado por móveis, utensílios sem uso e sacos de ráfia cheios de grãos que vinham da usina do avô Ludgero, pai de Miguel. Eles apagaram a luz, era uma quase escuridão. Acho que essa pouca luz nos salvou de entrar em pânico:

Éramos quatro meninas e um menino no escuro do medo, guardados pelas asas de afeto de Luiza. Ela cantava baixinho uma musica de ninar e dizia: *Vai passar, tudo isso vai passar, a luz vai voltar.*

Naquelas horas intermináveis, Luiza fez daquele cárcere privado, um chão de histórias. Ela cantou, contou, e nos fez imaginar que estávamos dentro da floresta, numa noite de encantarias. Depois, nos fez imaginar que estávamos diante de uma nuvem dançante de vagalumes que veio se exibir para nós. Inês acabou dormindo de sono e cansaço. Benjamin, sempre perguntava: *Mãe! Quando a luz volta?*

E nós, as meninas mais velhas, sabíamos que estávamos presas naquele porão, mas, fingíamos acreditar em cada palavra de Luiza. Eram horas sem fim, havia o nosso silêncio, o da casa, e o de Luiza. Havia o silêncio aterrador do escuro.

Não fossem os feixes de luz que tangiam pelas colunas, que sustentavam a casa, se desdobrando pelo espaço daquele chão, acho que teríamos desmaiados por falta de luz, cor e som. As horas pareciam correr às avessas. Depois de muitas conversas e telefonemas, os oficiais se certificaram de que Luiza não sabia do paradeiro de Miguel, o nosso pai. Eles mandaram soltar a Sabá e o tio Antonio, que foram detidos ao tentar sair da casa para pedir ajuda.

Tempos depois, eu soube: Em algum lugar da selva amazônica, Miguel se embrenhara para fugir de seus algozes. Depois de horas, presos naquele chão que se transformou emnosso cárcere privado, a porta que dava para a escada se abriu, a luz acendeu e eu puder ver as lágrimas escorrendo pelos de olhos de Luiza.

Ficamos lá, por algum tempo. Ficamos imóveis e paralisados pelo pavor. Depois, ouvimos os passos das botas, os gritos de continências, o motor dos carros, o ranger dos pneus. Eles, os malditos que carregavam em seu peito estrelas sem luz, e seu batalhão de soldados munidos de metralhadoras, haviam ido embora assim como chegaram: sem pedir licença. Lá fora, os vizinhos e amigos fingiam não nos conhecer. Os parentes nos evitavam e eram constrangidos em não nos acolher. Os avós, ficaram reclusos em suas casas.

Fomos exilados do convívio social. A casa virou nossa ilha de silêncios. Sob os cuidados de Luiza, ficamos ilhados.

Ilhados e silentes.



Wanda Monteiro, advogada, escritora, uma amazônida nascida à margem esquerda do rio Amazonas, em Alenquer, Pará, Brasil. Colabora com vários projetos de incentivo à leitura de seu país, seus textos poéticos são publicados em importantes revistas literárias impressas e digitais veiculadas em várias regiões do pais.

SUGESTÃO DE LEITURA



TODAS AS MÃES SÃO TIRANOSSAURAS, DE MARCELA MARIA DE AZEVEDO

por Taciana Oliveira & Rebeca Gadelha

No seu livro de estreia, Marcela Maria Azevedo reflete as fissuras emocionais provocadas pela ausência materna, uma jornada entre o luto e a memória, um resgate a ancestralidade perdida. Assim como o filósofo e escritor francês, Roland Barthes, que ao perder sua mãe enfrenta a dor e a solidão através da escrita dos livros *A câmara Clara* e *Diário de um luto*, em *Todas as mães são tiranossauras* (Urutau, 2021), nos deparamos com "uma saudade fossilizada" e os desdobramentos de uma narrativa poética dividida em

quatro partes: Sou eu quem carrega essa cicatriz, A geografia é um tato, Elementos de vida selvagem, Quem não vê não sente a ferida.

Apegando-se a reminiscências para ressignificar sua arqueologia afetiva, onde ainda se vive uma carência dolorosa, os versos de Marcela choram:

quando tu me ensinaste

todas as palavras que eu uso pra sofrer

dor machucado arranhão sangue

frio áspero braço quebrado

medo muito medo tristeza

saudade

esqueceste de me ensinar

como chamar pelo teu nome

quando tu não estás

por uma etimologia da ausência

Se para o cineasta Andrei Tarkovski em sua obra, *Esculpir o tempo*, "Num certo sentido, o passado é muito mais real, ou de qualquer forma mais estável, mais resiliente do que o presente.", para a autora o passado é uma porta ainda aberta onde, a partir do vazio deixado pela morte precoce da mãe, procura redescobrir a sua própria existência, como no poema *um recado para allan kardec:*

ou jeito de insistir no amor

onde ele já não existe

como se fosse um ritual

pormenorizado de crenças

em que se fia fia fia
e depois desfia tudo ao perceber
que é só mais um jeito simples
metódico e mágico de crer
poder ressuscitar os mortos

Em *todas as mães são tiranossauras*, Marcela costura suas experiências sensoriais em um diálogo poético com sua errância e as fugazes lembranças da infância. A permanência de sua *pré-história* é apreendida através das pequenas cenas do quotidiano:

é nas coisas frívolas que percebo
a insistência de ti
correspondências que ainda chegam
vestígios de doce de manteiga no armário
cartelas de analgésico sem validade
o baralho solitário na gaveta

Em *Diário de um luto*, Barthes ao olhar uma fotografia da sua mãe, pondera: “ao longe – diante de mim”, no caso de Marcela se houve um tempo legítimo para despedir-se, este se perdeu na memória, o que há é o luto persistente causado não apenas pela partida precoce de sua mãe, mas, como a própria autora pontua em entrevista para a revista Mirada, é o luto que o brasil nos obriga a viver com a dor do genocídio causado pelo governo federal durante a pandemia. É uma dor perene que insiste em latejar. No poema “lembranças póstumas das férias de verão de quem se esqueceu de viver as férias de verão”, Marcela projeta em nós imagens de nossa própria existência:

eu poderia escrever sobre a quase banal beleza da praia
sobre as incríveis mulheres esculpidas num bronzeado impecável
ou sobre a desenvoltura dos homens jogando qualquer coisa na areia

enquanto escondem os olhos do esplendor do dia
mas isso tudo aparece na fotografia
só não aparece
: o momento telepático
em que divido o pensamento contigo
as cócegas da areia fina tilintando em teu ouvido
os círculos azuis dançando ao redor do violão
o sal magnetizando e colando a nossa pele
não
nada disso aparece na fotografia
e tampouco aparece pra onde tu foste
depois do adeus último do sol

Todas as mães são tiranossauras traz a poética corajosa que evoca em nós a possibilidade do reencontro que pode ser traduzido para além da condição feminina, mas nos laços afetivos que permeiam essa jornada, assumindo perspectivas que ultrapassam o universo literário para uma conexão pungente com o leitor. Atentem para a última estrofe do poema *aos homens que usam alguns gramas de analgésico para fingir uma ilusão:*

eu ainda uso as mesmas roupas
aqueles farrapos históricos que sobraram dos anos 80
cheios de rostos que são como cemitérios
a sua dor de cabeça vem do centro de sua mãe
e ela dói como dói uma mulher
por sermos diariamente extintas
e tiranossauras

.



Marcela Maria Azevedo é uma errante – na vida e na poesia. Nasceu num 29 de fevereiro – o dia mais raro do mundo – na cidade Petrolina-PE e, talvez por isso, por carregar a raridade do mundo na carne, tenha feito sua trajetória atravessando o país de leste a oeste, de norte a sul. É também pesquisadora das palavras, faz doutorado em teoria psicanalítica, onde estuda a obra do poeta Max Martins, seu favorito, o que a garante também ser uma pesquisadora do amor. Seu primeiro livro *todas as mães são tiranossauras* será lançado em 2021 pela editora urutau.

Taciana oliveira é cineasta, formada em comunicação social: rádio e TV, defensora das causas sociais por vocação, coordena as revistas Laudelinas e Mirada e é editora de Selo do mesmo nome. Natural do Recife, é leão com ascendente em leão e lua em virgem. Há anos protela o lançamento de seu primeiro livro, *Coisa Perdida*, mas um dia ele sai.

Rebeca Gadelha é Otaku, Gamer, Artista Digital e Geógrafa sem senso de direção. Tem um fraco por criaturinhas peludas e chá gelado. Participa da Plataforma Mirada como Designer Gráfico e curadora. Atualmente trabalha com edição de vídeo do projeto Literatura & LIBRAS (instagram @literaturalibras), escreve no Medium sob o pseudônimo de Jaded. É autora de *Reminiscências* (Selo Mirada, 2020), livro de memórias. IG: @ohmybecka

massa
100 g manteiga
200 g farinha de
de sal

Vitaflocos

BOLO DO VISCONDE

INGREDIENTES:
• 1 xícara (chá) de margarina sem sal • 1 lata de leite condensado • 11/2 xícara (chá) de **Vitaflocos** • 1 copo de iogurte natural • 5 ovos • 2 xícaras (chá) de farinha de trigo • 1 colher (chá) de sal • 1 colher (chá) de fermento em pó

MODO DE PREPARAR
Bater o leite condensado, com a margarina, o iogurte e as gemas.
Em seguida adicione a farinha de trigo, o **Vitaflocos**, sal, fermento e por último, as claras batidas em neve.
Leve tudo ao forno durante 30 minutos.

Longe dos venenos

A partir do momento em que compreendermos que os grandes problemas ambientais são gerados, também, pelo somatório de atitudes individuais, teremos encontrado a solução para muitos deles ... mos, re... mente g... à nature... sem sab...

Você já parou para pensar que os esgotos terminam sempre dentro do mar ou dos rios? Isso significa que aquele seu detergente de cada dia também contribui para envenená-los. ...

dência muito simples: na hora das compras, escolha o tipo biodegradável. Não custa mais e, como o nome diz, são biologicamente degradáveis, isto é, compostos por substân-

NOVAS E DELICIOSAS RECEITAS

SEQUILHOS DE CÔCO
Misture 1/2 xícara (chá) de margarina com 1 xícara (chá) de açúcar, 3 gemas e 1 vidro (pequeno, 200 ml) de leite de côco. Junte 500 g de MAIZENA® (4 1/2 xícaras de chá) e amasse bem. Faça bolinhas pequenas e coloque numa assadeira untada e enfarinhada. Leve ao forno médio, cerca de 25 minutos.

BREVIDADES DE MAIZENA®
Bata 2 colheres (sopa) de margarina com 1 xícara (chá) de açúcar, 1 pitada de sal e 3 ovos. Acrescente 200 g de MAIZENA® (2 xícaras de chá) e 1 colher (chá) de fermento em pó. Misture bem. Distribua a massa em forminhas untadas e enfarinhadas, enchendo até a metade. Leve ao forno médio, cerca de 25 minutos. Desenforme ainda quentes. Polvilhe com açúcar de confeiteiro e sirva em forminhas de papel.



CARD... 7

CONSELHOS

Seda: Não mande tingir ... artificial, pois, este tipo ... fixa cor.

Soluço: O soluço pass... rapidamente quando se engo... só vez, a porção de uma colhe... açúcar.

O PENSAMENTO DO DIA

Não seja excessivamente zelosa dos seus direitos. Trabalhe, com paciência, amor e dedicação, conservando-se calma e esquecendo-se de si mesma, receberá, com certeza, a melhor recompensa.

COLEÇÃO FESTA

5 - Bolinhos de aipim com queijo

Deixe de molho em água fria 1/2 quilo de aipim descascado. Escorra a água e cozinhe o aipim em outra água. Retire o aipim da água do cozimento. Junte o sal a gosto, 100 g de queijo-de-minas ou prato cortado em pedaços pequenos e passe tudo rapidamente pelo liquidificador. Faça bolinhos com a massa obtida e frite-os em gordura quente.

Ind. Bras. m...

salgado

RECEITA DE SORVETE

SORVETE DE LIMÃO.
* **Ingredientes:** 1 lata de Leite Moça. A mesma medida de suco de 2 a 3 limões completando o restante com água, 1 colher (café) de raspas de limão.
* **Modo de Preparo:** 1. Bata no liquidificador todos os ingredientes. 2. Coloque na gaveta de gelo e leve ao congelador por 3 horas.
* **Rendimento:** 6 porções

A maternidade deve ser um aprendizado

CATARI



Repolho com cos...
de porco ao fo...

EXERCÍCIOS DE ARQUIVOLOGIA

Marcela Maria Azevedo

começo esse poema
como uma filha que recebe uma herança de sua mãe
que não são suas roupas
suas joias
não são suas crenças seus sonhos
seu perfume favorito
a materialidade de uma vida breve

como se o que uma filha herdasse de sua mãe
não fossem seus pés cansaços
as unhas roídas
os joelhos pontiagudos
ávidos por perfurar a terra o cimento
brotar feito o pé de joão vida acima
                                        ao céu
o desencanto

como se uma filha herdasse de sua mãe
não sua assinatura seus documentos
a manobra gestual de uma caligrafia boleada
um arquivo imenso de receitas recortadas
eles dizem
                        qual o teu gosto?
tua rubrica
tua história
as virtudes da organização do lar
para que tantas dicas diárias pedindo pelo teu zelo

esse apagamento, mamãe

eu começo esse poema
como se já não bastasse
uma filha passar vinte e oito anos buscando
a tua memória
desenterrando dia após dia o cume dos nossos ossos
que perfuram a carne
a começar pelos joelhos
                    a maçã dos rostos
                    o cimento separando nossas costelas

eu começo esse poema
como uma filha que herda de sua mãe o mundo
como se uma filha precisasse então contar ao mundo
quem foi essa mulher

então eu começo esse poema todos os dias
como uma filha que todos os dias descobre a palavra
no avesso da receita
do gosto
                         desse poema
                                tão teu
como uma filha que diz
para um mundo
um mundo que esquece todos os dias
mas uma filha que diz

      mamãe?



Marcela Maria Azevedo é uma errante – na vida e na poesia. Nasceu num 29 de fevereiro – o dia mais raro do mundo – na cidade Petrolina-PE e, talvez por isso, por carregar a raridade do mundo na carne, tenha feito sua trajetória atravessando o país de leste a oeste, de norte a sul. É também pesquisadora das palavras, faz doutorado em teoria psicanalítica, onde estuda a obra do poeta Max Martins, seu favorito, o que a garante também ser uma pesquisadora do amor. Seu primeiro livro *todas as mães são tiranossauras* será lançado em 2021 pela editora urutau.

CAROLINA, CIDADÃ DE SI MESMA

Juliana Romão

"Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia a guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia pra minha mãe: porque a senhora não faz eu virar homem?"

A indagação provocadora da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977) neste trecho dO *Quarto de Despejo* (1960) denuncia a dimensão totalizante que a presença masculina ocupa na narrativa histórica do Brasil. São múltiplas as camadas de invisibilidade que tingem a existência pública das mulheres.

Poeticamente, Carolina mede a inconciliável distância entre a vida vivida e aquela que se lê nos livros. A mediação constrói sentido social dispensando complexidades para contar encenação e realidade como uma só, em voz grossa, a narrar um mundo estático, homogêneo, conformado. A perspectiva colonizadora é ariana e masculina, veste-se de neutralidade universal, como que dublada em idioma único. É neste contexto que Carolina emerge e provoca a superfície que a queria nas profundezas.

Se apenas homens *são* livres para lutar, melhor virar homem e abandonar o corpo impedido de tudo, reflete Carolina, sarcasticamente. A contribuição da escritora para o universo literário ultrapassa o campo artístico, mobiliza uma reflexão profunda sobre a vida em tamanho único no Brasil, assentada na abissal desigualdade social que esmaga mulheres, pessoas negras e pobres, num processo fabril de invisibilização. "Será que existe preconceito até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?", indaga.

Observar, com olhos de aprendiz principiante, a jornada de Carolina tem um quê de arrebatamento ante a força poética da escritora, que contra narra o mundo autoralmente. Cidadã de si mesma, viveu uma incontida necessidade de expressão, sem atravessamentos. Produtora do que Conceição Evatisto define como uma "gramática do cotidiano", no prefácio de relançamento de Casa de Alvenaria, Carolina deve ser lida como autora

complexa que é, uma das mais instigantes da literatura brasileira.

"Há lugares em que verbos são insuficientes", resume. Autodidata, dominava (em continuado estudo) uma linguagem singular, que reconhecia a um só tempo em descompasso com a norma culta e como intervenção política. "Declamei ´noivas de maio'[...] a poesia tem erros gramaticaes. Não há possibilidade de correção. É uma advertência social".

Mulher negra, mãe solo de João José, José Carlos e Vera Eunice, todos de Jesus, Carolina foi criança posta para trabalhar cedo na zona rural de Minas. Chegou adulta à favela do Canindé (SP), de onde saíram os escritos do seu livro mais famoso, mas nem de longe a obra única. Um talento tão extraordinário quanto as condições de pobreza labiríntica em que a força criativa aflorou. Carolina escreveu peças de teatro, ensaios e romances, além dos diários.

Viveu os múltiplos papéis em triplos turnos, sobrecarga ainda incontornável às mulheres: era chefe da família, eleitora consciente e crítica, trabalhadora autônoma precarizada, cidadã (?) em busca de direitos. Também a mulher assediada na rua e dentro do barraco, a sujeita ignorada e sempre por um triz. Não havia tempo para a escrita, ela gastava o lápis nas madrugadas e compunha na imaginação.

Carolina era bastante politizada, conhecia os meandros da democracia que não acessava: "de 4 em 4 anos mudam-se os políticos e não soluciona a fome, que tem sua matriz na favela, a sucursal dos lares dos operários". Conhecia a política por experiência: "já observei os políticos. Para observá-los fui pessoalmente na Assembleia. A sucursal do purgatório, porque a matriz é a sede do serviço social, no palácio do Governo", escreveu. Tinha em mente um perfil para quem comandar o país: "O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora".

Transpor o Brasil da exclusão para a elite foi imperdoável para o *status quo*. Carolina continuadamente teve que se provar escritora, especialmente depois da fama. Enfrentou a colonização da sua criação e o aprisionamento ao lenço na cabeça, tatuagem de mulher negra e pobre. "Carolina era debochada, irônica e extremamente sarcástica, com um texto muito lírico, poético. Tem uma série de traços da escrita dela que fica apagado porque a gente trabalha sempre nessa órbita da favelada que escreve", adverte a pesquisadora Teresa Miranda.

Depois de reverenciada por celebridades da literatura, Carolina foi sendo esquecida e morreu em 1977, com apertos financeiros. O sonho da Casa de Alvenaria virou título do segundo livro (1961), mais ensaístico (novamente em forma de diário), reverberando a vida da fama pós-favela, quando vê supridas demandas materiais de outrora, mas transborda em questionamentos existenciais. "Eu ainda não me habituei com esse povo da sala de



Fonte: Reprodução
[Minas de Minas](#)

visita. Uma sala que estou procurando um lugar para sentar".

O livro não repercute na mídia. "Não estou tranquila de que devo escrever o meu diário de vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos, podem destruir-me", antecipa, sensitiva. A Carolina que desejavam autora era aquela do Canindé, a favelada em versos. "Ela passou a ser conhecida como língua de fogo, defendia em entrevistas a reforma agrária, fazia elogios à revolução cubana e, praticamente sem estudos formais, despertou inveja do status-quo. Os livros subsequentes foram praticamente ignorados e ela, depois de ter conseguido sair da favela", conta o biógrafo Tom Farias.

Em O *Diário de Bitita* (1982), livro póstumo, as memórias da infância são atravessadas pelo racismo, pela pobreza e a migração que experimentou após a morte da mãe, em 1933. Nos relatos, a sensação de injustiça evoca imagens terrivelmente atuais:

"Os pretos tinham pavor dos policiais, que os perseguiam. Para mim aquelas cenas eram semelhantes aos gatos correndo dos cães. Os brancos, que eram os donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro. Procurando um refúgio, para não serem atingidos por uma bala."

O olhar inarredável por justiça social posiciona com nitidez a agenda pró-direitos em Carolina, que lutou por igualdade de condições com os homens, e não abria mão de denunciar o racismo e a exploração de classe que lhe tocavam cotidianamente. Estava distante do feminismo formal e tinha por vezes uma visão conservadora das mulheres, no entanto, impunha ela própria uma corajosa posição de autonomia, recusando as algemas da dominação masculina na sua vida.

Carolina vive a juventude no despertar da luta feminista no Brasil, mirada no direito político do voto. O direito político da autora foi a palavra, que tomou para si, sem pedir licença. O amor pelas letras, degustado na curta experiência escolar de apenas dois anos, mudou o seu percurso de vida. Foi de lá o espanto em ouvir pela primeira vez o seu nome completo, em talvez a primeira tomada de consciência da dignidade social – nome e sobrenome. O deslumbramento de ser pessoa.

Rapidamente aprendeu a ler e a escrever, conquista rara a uma menina negra naquela época. Era praticamente a única alfabetizada da família. Mencionar duas contemporâneas de Carolina ajuda a dimensionar a conquista da escritora, quando do lançamento de Quarto de Despejo, como uma das primeiras autoras negras a vender em poucos meses mais de 10 mil exemplares, desbancando *Gabriela*, de Jorge Amado, num estrondoso sucesso nacional.

Antonieta de Barros (1901 – 1952) ***é deste tempo. I***gualmente uma mulher negra que transcendeu seu tempo e afrontou estereótipos. Foi eleita em 1935 a primeira parlamentar negra do país. Uma conquista superlativa. Professora de português que inaugurou a própria escola com seu nome, em Florianópolis, lutou pelo voto universal e pela educação popular, para que mais mulheres negras fossem alfabetizadas e tivessem outro destino.

A escritora francesa Simone de Beaveour (1908-1986) também é contemporânea. *O Segundo Sexo* (1949) é considerado uma das obras máximas do feminismo, com a icônica frase-tese “Não se nasce mulher, se torna mulher”. Beaveour, mulher branca, representou para o feminismo contemporâneo a posição central que a inglesa Mary Wollstoncraft (1859-1779) ocupou como “fundadora” do pensamento feminista, com *Uma vindicação dos direitos da mulher*, sua obra mais marcante.

Beaveour inaugura o que viria a ser uma epistemologia feminista. O estilo ensaístico da obra revela uma construção linguística que une dados estatísticos, sociológicos a depoimentos pessoais e memórias. A teoria do “ponto de vista”, observada como inovação em Simone, está na essência de muitas obras de Carolina, em textos que privilegiam a palavra da vivência, constituindo um conhecimento alternativo à narrativa racional e objetiva associadas ao fazer/pensar masculino e elitizado. Carolina também constrói, sem

referência precedente, uma epistemologia da mulher negra e brasileira, olhando (e anunciando) pelo avesso a realidade permanentemente iluminada por lentes externas a enxergar o mundo em tamanho único.

São estilos que prenunciam o pessoal invocado como político, marca da segunda onda do feminismo, a partir da década de 1960, auge literário de Carolina. ***Décadas depois*** a chamada terceira onda feminista amplia o conceito de interseccionalidade e pluraliza o reconhecimento das lutas distintas, mas coexistentes no mesmo colchão emancipatório para mulheres diversas. Carolina não chega a viver esse período.

Ainda há muito por desvendar na história e obra desta gigante autora, que me move em desejo de pensá-la e escrevê-la. Impossível não se perguntar: "como pode??" O brilhantismo das pessoas raras é um enigma. E está também envolvo em muita coragem para *ser*, apesar de todos os pesares. "Falavam que eu tenho sorte. Eu disse-lhes que tenho audácia". Não tenho dúvidas, Carolina.



Juliana Romão é mestra em comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) estuda a inclusão de gênero na linguagem e a presença da mulher na política, é co-fundadora do projeto-ação Meu Voto Será Feminista.



CAÇA ÀS BRUXAS

Germana Accioly

O fogo que cozinha meus desejos
é o mesmo que carboniza meus sonhos

Em que tempo as mulheres não foram queimadas em praça pública?
Se brilha demais
Se ama demais
Se deseja demais
Se é grande demais

O molde não nos cabe

A fogueira que me mata é a mesma que me aquece.
Hoje uma mulher foi queimada dentro de casa
Outro dia, foi no Cais de Santa Rita

Eu queimo junto com elas.
Elas viram números.
São imortalizadas nas manchetes cada vez mais voláteis
O fogo deixa marcas em mim.

Nossos corpos públicos não são de ninguém
Nossos corpos públicos são de todo mundo
Nossos corpos públicos não são nossos

Eu ando pelas ruas
Insisto em existir

Há uma fogueira em cada esquina
Um tribunal em cada link
Um julgamento em cada like



Germana Accioly é escritora e jornalista. Escreve no blog Perder de Vista

A MATEMÁTICA DO CAOS OU NOTÍCIAS DE UMA PÁTRIA DEVASTADA

Taciana Oliveira

Jackelline, mãe de Kathlen, chorou ao microfone: ***EU NÃO TENHO MAIS VIDA.*** Sua filha estava grávida quando foi atingida "acidentalmente" com um tiro de fuzil no tórax pela PM do Rio de Janeiro.

Kathlen tinha apenas 24 anos.

Roberta Silva vivia em situação de rua quando foi atacada por um adolescente no Cais de Santa Rita, no Recife. **ELA TEVE 40% DO CORPO QUEIMADO E NÃO RESISTIU AOS FERIMENTOS:** a transfobia matou 01 mulher de 32 anos.

27 mulheres no Presídio Regional de Caçador denunciaram 03 agentes prisionais. Quando elas não se submetiam a fazer sexo por coação, sofriam agressões e castigos.

01 juiz de uma vara da família de São Paulo, declarou: "*Se tem Lei Maria da Penha contra a mãe, eu não tô nem aí. Uma coisa eu aprendi na vida de juiz: "ninguém agride ninguém de graça"*

Jéssica Nascimento foi sequestrada e morta pelo ex-companheiro. Seu corpo foi abandonado na Serra do Matoso, em Itaguaí, Rio de Janeiro.

04 mulheres denunciaram o pastor da Igreja Tabernáculo da Fé, em Goiânia, por abuso e importunação sexual.

O Conselho Tutelar informou à Polícia Militar de Pernambuco que **PELO MENOS 05 CRIANÇAS** tinham sido **ABUSADAS POR UM HOMEM DE 57 ANOS**, na cidade de São Joaquim do Monte. Candidato a vereador, **SEVERINO ESTUPROU 02 MENINAS.**

01 ADOLESCENTE DE 16 ANOS SOFREU UM ESTUPRO COLETIVO na orla de Candeias, em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco. **08 HOMENS A VIOLENTARAM.** 01 usuário do Instagram hackeou o seu número no aplicativo de mensagens e o divulgou nas redes sociais. Depois de sofrer diversos ataques e ameaças de cunho sexual, **A JOVEM TENTOU SUICÍDIO.**

Alexandre assassinou Neomar com golpes de martelo na cabeça, dividiu seu corpo em várias partes e o espalhou nas cidades vizinhas a Ituporanga, no Estado de Santa Catarina.

Luís foi condenado a 31 anos, 09 meses e 18 dias de prisão pelo homicídio qualificado de Tatiana, sua esposa. Ela foi encontrada morta após ser jogada da sacada do apartamento onde morava em Guarapuava, Paraná.

O CORPO DE PÉROLA FOI LOCALIZADO próximo à Rua das Orquídeas, no bairro da Várzea, no Recife. **UM MÊS ANTES DO SEU ASSASSINATO ELA TINHA SOFRIDO UM ATAQUE TRANSFÓBICO.**

VIVIANE Pereira do Amaral **PERDEU A VIDA DIANTE DAS TRÊS FILHAS.** Seu ex-companheiro a golpeou com 16 facadas. **O**

CORPO TINHA PERFURAÇÕES NO PESCOÇO, ROSTO E BARRIGA.

EM UMA AUDIÊNCIA, Mariana, **VÍTIMA EM UM PROCESSO DE ESTUPRO DE VULNERÁVEL,** não aguentou as ofensas proferidas pelo advogado de defesa e **CLAMOU:** *Excelentíssimo,* ***EU TÔ IMPLORANDO POR RESPEITO, NEM OS ACUSADOS SÃO TRATADOS DO JEITO QUE ESTOU SENDO TRATADA, PELO AMOR DE DEUS, GENTE. O QUE É ISSO?"***

Uma policial denunciou 01 tenente-coronel por assédio sexual e ameaças de morte. Após sofrer pressão da corporação, abandonou a carreira militar. Nas gravações disponibilizadas no processo **o ACUSADO A AMEAÇA:** ***QUEM NÃO TEM PROBLEMA NA VIDA, ESTÁ NO CEMITÉRIO.***

Mirtes, empregada doméstica, perdeu o filho enquanto passeava com o cachorro dos seus patrões. Sarí, sua ex-patroa, permitiu que um garoto de 05 anos entrasse sozinho no elevador. **MIGUEL MORREU AO CAIR DO 9° ANDAR.**

01 adolescente de 15 anos matou o pai a tiros. O caso foi registrado como ato infracional e homicídio em legítima defesa. **A** esposa e o primogênito padeciam de violência doméstica. Na casa, localizada em um condomínio de luxo em Valinhos, foram encontradas 08 armas, entre pistolas, 01 submetralhadora e 01 fuzil

90% dos crimes citados aqui foram cometidos por eleitores declarados de Jair Bolsonaro.

Uma pesquisa simples comprova facilmente esta afirmação.

Na última eleição **42 MILHÕES DE BRASILEIROS OPTARAM POR NÃO VOTAR OU DECIDIRAM ANULAR SEUS VOTOS.**

55% CELEBRARAM A ELEIÇÃO DE UM FASCISTA PARA PRESIDENTE DA MAIOR NAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL.

Diante da nossa realidade atual, conclui-se que **A OMISSÃO MATA.**

Na República da Fake News -- eufemismo para mentira **--** sobra cinismo, oportunismo, corrupção e pilantragem.

45% dos eleitores que não votaram no miliciano se perguntam todos os dias: Como se apoia um candidato misógino, defensor de um torturador e praticante notório da homofobia?

É UMA CHANCE DE OURO, NÉ, DE RESSIGNIFICAR A POLÍTICA NO BRASIL. VAMOS VER. VAMOS AGUARDAR"., justificou o apresentador judeu no segundo turno do pleito em um cenário favorável a eleição de um homem festejado por neonazistas.

Nos últimos meses a insanidade patrocinou a cloroquina, o tratamento precoce e a imunidade de rebanho.

Na pandemia, Luísa perdeu o avô, Fernanda a amiga Thina, Déa o filho Paulo, Adriano a mãe Maria.... e todos morremos de alguma forma.

U$ 01 DÓLAR SOBRE O PREÇO DE CADA UNIDADE DE VACINA É MAIS UMA FIGURA DE LINGUAGEM PARA DISFARÇAR O RECOLHIMENTO DO DÍZIMO E DA PROPINA.

A banalidade do mal contabiliza seus resultados: no somatório de tanta estupidez são quase **600 MIL MORTES PROVOCADAS POR "UMA GRIPEZINHA".**

Segundo o IBGE, em 2021, o desemprego mantém recorde de

14,7% e atinge 14,8 milhões de brasileiros.

NADA DISSO IMPORTA PARA A COMUNHÃO DOS PERVERSOS:

"EU SOU A CONSTITUIÇÃO"! BERRA MESSIAS

Parabéns então aos envolvidos, aos que alimentaram o ódio nas manchetes dos jornais, nas redes sociais e no horário nobre da TV.

Vocês respondem pelo desmantelo social, pelo mercúrio envenenando os rios, por cada animal incinerado na floresta, pelos conchavos abençoados pela bancada evangélica.

VOCÊS JAMAIS SERÃO ESQUECIDOS! Não votar no capitão era antes de tudo um ato humanitário.

GENOCIDAS NÃO AGEM SOZINHOS.

Há quem justifique inocência neste cenário caótico.

Ledo engano, **CADA UM ELEGE O QUE LHE REPRESENTA, TÁ OK?**

Nota: este texto não é ficção. As pessoas citadas e os casos ocorridos são reais e aconteceram nos últimos dois anos.
1558 pessoas e mais de 550 organizações assinaram pedidos de impeachment do presidente Jair Bolsonaro. 132 documentos foram enviados ao presidente da Câmara dos Deputados: 78 pedidos originais, 07 aditamentos e 47 pedidos duplicados. Até o momento, apenas 06 pedidos foram arquivados ou desconsiderados. Os outros 126 aguardam análise.

.



Taciana oliveira é cineasta, formada em comunicação social: rádio e TV, defensora das causas sociais por vocação, coordena as revistas Laudelinas e Mirada e é editora de Selo do mesmo nome. Natural do Recife, é leão com ascendente em leão e lua em virgem. Há anos protela o lançamento de seu primeiro livro, *Coisa Perdida*, mas um dia ele sai.



HÁ QUANTO TEMPO

Constança Guimarães

há quanto tempo você está sem sair? Pode repetir, por favor?

você vai anotar tudo que eu falar?

é o protocolo.

acho que nove dias.

nove dias. e como está fazendo para comer?

tem arroz, macarrão. Umas batatas. Tinha frango na geladeira que o David fez com requeijão pro jantar, já comi, durou três dias porque comi sozinha. Tinha também salsicha na lata, molho, a gente junto comia muito. Como eu fiquei sozinha, a comida rendeu, eu como pouco. E esse biscoito que não comi.

então você está cozinhando?

é, por quê?

você sabe cozinhar.

desde os seis anos. Também sei arrumar a casa e cuidar de criança.

de que criança você cuida?

qualquer uma mais nova que eu. É só me pagar. De noite é mais caro.

sei, de noite é mais caro. A casa não está limpa.

arrumei nos primeiros dias. Depois desisti.

por quê?

fiquei cansada.

consegue explicar melhor?

cansada, ué. Além do mais, parei de dormir de noite e só durmo de dia. E não dá pra arrumar nada de noite porque não tem luz. Então desisti. Mas não tem problema, eu limpo o banheiro porque não tem janela.

você tem medo do escuro?

não tenho medo do escuro.

tem medo de que?

de nada.

diz que não tem medo de nada. por que não dorme à noite?

porque dormi de dia.

oquei. você sabe o que aconteceu com seus irmãos?

sei.

porque alguém te contou.

eu vi. Eu tava com eles. entrei em casa pra pegar um biscoito. Esse aí que ainda não comi. Quando eu ia voltar pra rua, ouvi o barulho. Eu queria ir correndo pra rua pra ficar com eles e enquanto eu pensava corre corre corre são seus irmãos vai se encontrar com eles eu me meti dentro do banheiro porque não tem janela. Até hoje não sei como pensei uma coisa e fiz outra. É por isso que fico acordada de noite, tentando descobrir.

e depois?

depois o que?

como você viu seus irmãos?

quando passou o barulho eu fui na rua e vi os dois mortos, voltei pra casa, fechei a porta e não saí mais. Você sabe se enterraram eles?

seus pais não moram aqui, a vizinha me contou.

ela é fofoqueira mesmo.

há quanto tempo eles não moram aqui?

não tenho pai nem mãe faz tempo.

eles morreram?

não sei não. Meus irmãos morreram, isso eu sei. Foi a polícia, né? Helicóptero, né? Eles foram enterrados?

o que seus irmãos faziam?

na rua? A gente tava conversando, não pode?

todo dia. Você ganhava dinheiro cuidando de crianças e eles?

bicos.

de que tipo?

você tá achando que eles eram drogados. Por que veio aqui? Você pode ir embora por favor.

nós estamos aqui pra te ajudar. Viemos te convidar para ir para um lugar com comida, escola, médicos, cama limpa, muitas crianças.

não sou criança.

um lugar com segurança.

não.

sua comida está acabando.

você pode me dar mais comida, aqui mesmo.

a casa está suja.

eu sei limpar.

você não sai mais de casa. Vai viver presa aqui?

onde meus irmãos foram enterrados?

escuta, sinto muito te dizer assim, mas você é menor, tem ainda 11 anos. A gente vai ter de te levar. Não dá pra deixar você morando sozinha, é perigoso.

eu moro sozinha com os meninos desde que tenho 5 anos. Vocês nunca vieram buscar a gente.

vai ser bom pra você. É pra o seu bem.

você tá mentindo.

você não tem alternativa.

tenho sim. Eu posso morrer. É só descer a rua correndo.



Constança Guimarães é mineira, jornalista, mãe da Sofia e autora do livro de contos urbanos *A Sereia da Contorno e suas histórias*, publicado em 2017 pelo Selo Leme (projeto finalista do Rumos Itaú Cultural 2016). É professora de Maratona de Escrita no Ateliê Estratégias Narrativas – sempre o melhor sábado do mês.

MIRO MIRÓ

Sofia Leal Batista

¿Por qué vine a parar aquí
A las puertas del Mercado da Boa vista?
En esta ciudad
Que cuando las aguas del río y mar bajan
Huele a algas, a musgo,
A mezcla de algo con algo
Hiede a veces
No sé a qué

Hondo profundo
Se mete por la nariz
Te despierta
En la madrugada
En la horas calladas,
Penetra el olor al alma
No te deja dormir

¿Por qué vine a parar aquí
A las puertas del Mercado da Boa vista?
En esta ciudad que cuando sube la marea
Y atraviesa canales
Huele a tan profundos vapores

¿Por qué vine a parar aquí
A las puertas del Mercado da Boa Vista?
Entregando propaganda
Andariando sola

Como a la orilla del Guaire
Trozos de papel a la mano
En el bolsillo de la camisa
Llenos de mis garabatos urgentes
Andariando sola
Entregando folletines de quién sabe qué cosa

¿Por qué vine a parar aquí
En esta ciudad?
Esquinas, callejones, postes,
Plazas, estatuas, árboles
Se evaporan en amoníaco
¿Por qué coño vine a parar aquí?

Miro una frase grafitada en la pared
A las puertas del mercado da Boa vista
Me miro, miro, me miro en cada palabra,
Miró
Me miró.
Olvido por qué me pregunto
Encaja esta ciudad
A las puertas del Mercado da Boa Vista.

Desde los poemas porrada
del poeta Miró da Muribeca

MIRO MIRÓ

Sofia Leal Batista

Por que vim parar aqui
Às portas do Mercado da Boa vista?
Nesta cidade
Que quando as águas do rio e mar descem
Cheira a algas, a limo,
A mistura de alguma coisa com outra
Fede às vezes
Não sei a quê

Fundo profundo
Entra pelo nariz
Te acorda
De madrugada
Nas horas caladas,
Penetra o odor à alma
Não deixa dormir

Por que vim parar aqui
Às portas do Mercado da Boa vista?
Nesta cidade que quando sobe a maré
E atravessa canais
Cheira a tão profundos vapores

Por que vim parar aqui
Às portas do Mercado da Boa Vista?
Entregando propaganda

Andariando sozinha

Como às margens do Guaire
Pedaços de papel à mão
No bolso da camisa
Cheios de meus rabiscos urgentes
Andariando sozinha
Entregando folhetins de quem sabe o quê

Por que vim parar aqui
Nesta cidade?
Esquinas, becos, postes,
Praças, estátuas, árvores
Evaporam-se em amoníaco
Que porra vim fazer aqui?

Miro uma frase grafitada na parede
Às portas do Mercado da Boa vista
Me miro, miro, me miro em cada palavra,
Miró
Me mirou.
Esqueço por que me pergunto
Encaixa esta cidade
Às portas do Mercado da Boa Vista.

Desde os poemas porrada
do poeta Miró da Muribeca



Sofia Leal Batista, desde 2005 venho realizando atividades que fomentam o estudo e a promoção do espanhol como uma língua de encontro e reconhecimento. Participei do concurso de poesia para estudantes do ensino médio (1993), em Caracas, oficinas literárias e em projetos de ensino de espanhol como língua estrangeira no Recife. Realizei tradução/versão ao espanhol de três livros em português da professora Fátima Soares, diversos artigos e resumos acadêmicos, e publicação em português de três textos de própria autoria em coletâneas. Estudo Letras-espanhol (UFPE). Participando de coletivos de mulheres de incentivo à leitura e ensino/aprendizagem do espanhol, começamos a reconhecer-nos como criadores das histórias que nos habitam e da cultura e identidade latino-americana da qual fazemos parte. @sofialealbatista

O MAIS PURO VERSO À BEIRA MAR DE MONTEVIDEO

por Katia Marchese

A última noite em solo uruguaio seria dentro de um ônibus. Sob chuva e alertas de tornados, parti de Montevideo assustada. Sabendo que não iria dormir, carreguei alguns livros que adquiri na Librería Más Puro Verso, para enfrentar 11 horas de viagem até Porto Alegre. Naquela noite, conheci a poeta Julia Galemire, escolhida as cegas nas estantes de poesia uruguaia. Pelas frestas da janela, fortes ventos do sul regiam a leitura dos poemas e como todo medo precisa de salvação, escolhi iniciar o livro *Fabulares* (uma coletânea de várias obras da autora) pela seção *La mujer y el ángel*. O percurso dos ventos teve seu fim, mas a poesia de Julia estava apenas começando dentro de mim.

O que trago neste texto é um aprendizado entusiasmado pela poesia de Julia Galemire, para conhecê-la melhor exercitei a tradução de seus poemas com meu espanhol limitado, pesquisei sobre sua vida e sua obra. A descobri atuante aos 98 anos de vida, na produção de poesia, na gestão do Grupo Cultural La Tertulia (criado por ela em 1994 por onde circulam escritores nacionais e internacionais ainda em atividade) e interagindo nas redes sociais. Encontrei algumas identificações com Julia Galimere, um jogo de espelhos que por vezes me impressionou.

Julia é uma poeta que começa sua trajetória pública na poesia tardiamente, seu primeiro livro, *Fabula de la piedra* é publicado em 1989 aos 66 anos, seus estudos literários tiveram início depois da carreira como enfermeira (é o que se pode deduzir do material escasso de sua biografia). Mas nada disso a impediu de alcançar seu lugar junto aos seus pares no cenário da literatura uruguaia. Inevitável não olhar para esses reflexos de Julia na minha própria história com a poesia, também sou tardia na produção e nos estudos.



Foto: reprodução

Hoje quero me deter no engenhoso confabular histórias através da poesia de Julia Galimere, rapidamente você aprecia a dança do seu intelecto e as imagens que ela vai desvelando. Passeia por ideias simbolistas e surrealistas, uma poesia de formulações metafísicas e abstrações cristalinas, mesmo que vc. não alcance todo o significado pode sentir seus efeitos, pode entender os gestos da sua letra.

Os eixos estruturantes da obra La mujer y el ángel

A arte de fabular nos poemas de *La mujer y el ángel* apresenta uma construção formal e estética bem interessantes, são versos concisos, repletos de enjambement e de extensões muito controladas. Uma poética carregada de sentidos e percepções, ela pode ser enigmática, mas nunca hermética em suas abstrações, há sempre um fio condutor entre o onírico e a realidade. Não afirmando nada sugere o mistério, se debruça nos seus limites e indaga.

Os poemas estão dispostos lado a lado, em par se apresentam ao leitor, na página esquerda o Anjo e a direita a Mulher. Destaco as sinestesias que aproximam e diferem sentidos entre uma mulher e um anjo. A sonoridade dos seus versos é discreta como uma música de fundo embalando as visões. Confabula nos poemas a natureza das criações terrenas e míticas, a partir do onírico, das névoas, dos materiais da natureza, dos signos celestes, dos elementos míticos (sagrado e profano). Aqui uma pequena amostra (dois pares de poemas em diálogo) do que proclamam estes dois arautos, o Anjo e a Mulher, sobre suas existências:

I

A mulher pensa nos arrependimentos,
em ver como se forjam os diálogos,
nos ódios que nascem entre papéis
e ideias corrosivas,
minúsculos inimigos que vêm e vão,
nas heras solitárias
que se arrastam por muros de medo,
em mistérios e lendas
que fingem ser histórias.

A paz por vezes
é uma longa espera
onde a liberdade apenas se insinua,
é um emissário
que aguarda a sua memória
e a sua marcha em direção à luz.

O anjo retorna a sua verdade
bíblica,
sobrevive aos silêncios
num voo de pedra e acaso.
Pensa em sua natureza
- separação do corpo ritual –
como essência do divino
e do profano,
sacrifício do que morre
nesta comunhão.
Os golpes da razão
o cerca de imagens simples,
o íntimo de uma eternidade
que não pensava nem conhecia.

I

La Mujer piensa en los arrepentimientos,
en ver como se fraguan los diálogos,

en los odios que nacen entre papeles
y corrosivas ideas,
minúsculos enemigos que van y vienen,
en las hiedras solitarias
que se deslizan por muros de miedo,
en misterios y leyendas
que fingen ser historias.
La paz que de a ratos
es una larga espera
donde la libertad apenas se insinúa
es un emisario
que aguarda su memoria
y su marcha hacia la luz.

El ángel retorna a su verdade
bíblica,
sobrevive a los silencios
en um vuelo de piedra y casualidade.
Piensa em su natursleza
- separación del cuerpo ritual –
como esencia de lo divino
y lo profano,
sacrifício de lo que muere
em esa comuníon.
Los golpes de la razón

le acercan imágenes simples,
lo íntimo de una eternidad
que no pensaba ni conocía.

II

A angústia rodeia a mulher
em sua incrível aventura.
Ouça os cânticos,
as tantas vozes que se elevam
sobre os vãos pudores,
sobre a incompreensão
que se repete em cada sombra
ou em cada vereda
no país onde todo verde perecerá.
Ali onde toda vestimenta prenuncia
a nudez das frias estações,
ou as portas que encerram
a esperança.

O anjo é o último reduto do crepúsculo
ou talvez a espiral cinzenta
de um templo abandonado.
Seu rosto não tem contornos. Sua pele,
sua pele expande-se num milénio
de outras faces

que lhe trazem piedade,
a sua jovem palidez.
O anjo é o encantador
das trevas
que carrega consigo
A parte mais sutil
do pranto.

II

La angustia rodea a la mujer
Em su increíble aventura.
Oye los cânticos,
Las plurales vocês que se elevan
Sobre la incomprensión
Que se repite em cada sombra
o em cada vereda
en el país donde todo verdor perecerá.
Allí, donde toda vestimenta preanuncia
La desnudez de las frías estaciones,
o las puertas que se cerrarán
a la esperanza.

El Ángel es el último reducto del crepúsculo
o quizás la gris ojiva
de un templo abandonado.

Su rostro no tiene contornos. Su piel,
su piel se expanden en un milenio
de otros rostros
que le acercan su piedad,
su joven palidez.
El Ángel es el encantador
de tinieblas
que trae en su báculo
la parte más sutil
del llanto.

O que indagam as vozes de La mujer y el ángel ?

De que matéria é feita a Mulher e o Anjo? O que os iguala e os diferencia? Do que padecem e o que os redime? O sagrado e profano, o finito e o infinito em tensão constante nas disputas de autonomia por seus próprios corpos e vozes, e, no entanto, sempre submetidos a um ser superior que os condena aos seus ciclos de vida, morte e eternidade. Encontrei algumas repostas durante a leitura desse livro, espero que vocês encontrem também outras indagações e respostas nesta arte da fábula com as palavras que Julia Galimere realiza em sua poesia.

Infelizmente os livros de Julia Galemire são difíceis de encontrar, há alguns poucos na Estante Virtual, eu os adquiri em Montevideo. Sonho em poder ver a poeta Julia traduzida aqui no Brasil. Quem sabe um dia dou conta de herculana tarefa.



Julia Galemire nasceu no Bairro Sul de Montevidéu-Uruguai. Graduada em enfermagem, frequentou cursos de humanidades e oficinas literárias de história da arte e literatura por 8 anos. Participou representando diferentes grupos culturais em conferências no México para o grupo Abrace e outros países. Subsecretário da Asesur. Em 1994 fundou o Grupo La Tertulia, dirigiu o programa de jornalismo cultural da CX 38 SODRE. Em 1999 foi selecionada para integrar o livro *Cartas de Paz*, publicação da UNEDA (União dos Escritores da América editada pela uneda) e com o apoio da UNESCO. Em *La ONDA digital* ela faz comentários e entrevistas com escritores. Desde 2004 dirige a Revista *La Tertulia Cultural*, declarada de interesse cultural pelo MEC e pelo IMM. A Revista em 2010 ganha fundos competitivos do MEC. Nomeado o presidente da PCSUR Uruguai. Conselheiro da Casa de los Escritores. Publicou 9 livros, 2 deles editados em prêmios de poesia. E vários de seus poemas foram musicados por Antonio Cerviño Ethel Afamado e Carla Fullana. Este ano, maio de 2012 participou do congresso PCSUR Havana. Ela ganhou o Prêmio Morosoli por sua carreira em 2015. **Fonte:** https://www.laondadigital.uy/LaOnda2/591/C3.htm

Rede Social da autora: https://www.facebook.com/julia.galemire

Obras: *Impressionismo e algo mais, minha visão* (Yaugurú . 2017); *Fabulares (* edições do sótão . 2009); *Diário Poético* (La Gotera . 2005); *A mulher e o anjo: crônica de um poema* (La Gotera. 2001); *Fábula da névoa* (Bianchi Editores. 1997); *Sul do ar* (Graffiti. 1994); *A escrita ou o sonho* (Signs. 1991); *Fabular da pedra* (Projeção. 1989)



Katia Marchese, Santos, 1962. Consta nas antologias: *Senhoras Obscenas I e III* (Benfazeja, 2017 e Patuá, 2019), *Tanto Mar sem Céu: Laboratório de Criação Poética* (Lumme, 2017), *Casa do Desejo: a literatura que desejamos* (Patuá, 2018), *Poesia em Tempos de Barbárie* (org. Claudio Daniel; Lumme, 2019), *80 balas, 80 poemas* (org. Claudio Daniel; Zunái, 2020 [versão digital]), Coleção *A Poesia Sobrevive* (conjunto de cartas - Literatura SESC Campinas, 2020). Poemas nos periódicos: Revista Germina de Literatura, Musa Rara, Portal Vermelho, Zunái, Ruído Manifesto e Jornal Tornado – Portugal, Jornal O Rascunho, Revista Gueto. Publicações: plaquete *Por favor, diga meu nome* (edição Coletivo O Ateliê de Poesia; com a produção gráfica de Uva Costriuba, 2019). Foi contemplada pelo ProAC Poesia de 2019, edital do Governo do Estado de São Paulo, com o projeto do livro *Mulheres de Hopper.* Formação no Curso Livre de Preparação do Escritor (CLIPE) de 2019 (Casa das Rosas – Museu Haroldo de Campos de Poesia e Literatura/SP). Participa do Coletivo O Ateliê de Poesia, aluna ouvinte no curso de Estudos Literários da UFF com a prof. Tatiana Pequeno. Mora em Campinas e é consultora em projetos de gestão pública. *Mulheres de Hopper* é seu primeiro livro.

OSSOS ANÔNIMOS

Cinthia Kriemler

...longe vá temor servil...

um fêmur lateja sob a terra vermelha, dilacerado
entranhado ao pó que o sepulta e que acoberta pecados infames
o húmus fértil dos nutrientes perversos : eu e eles e elas e nós
adubando a memória da dor do golpe
nos rins, na cabeça, no pau
de arara respingado de mijos, espermas, plasmas
fluidos arrancados sem gozo
no pântano subterrâneo de insepultos, cárcere privado, ossos anônimos
não esperam anistia [eucaristia profanada]
só uma lápide, uma carpideira honesta, um réquiem
um nada eterno
acima, no abismo disfarçado em superfície
disciplinadas, moderadas, obedientes botas
batem o calcanhar em (in)continência
depois esmagam meninos e meninas
filhos, irmãos de alguém
nas ruas : grandes úteros em contração : tortura
censura, coação (rima feia, suja, sádica)
estudantes, artistas, povo, políticos de ocasião
alcaguetes que entregam Herzogs, Honestinos
zés ruelas
no Calabouço, dezoito anos, Edson Luís é morto
de dezessete, uma menina sem nome
é derrubada por um fuzil nervoso

o fêmur, dilacerado, lateja
... ou ficar a pátria livre ou morrer



Cinthia Kriemler é carioca e mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de *O sêmen do rinoceronte branco* (Contos, 2020). *Tudo que morde pede socorro* (Romance, 2019); *Exercício de leitura de mulheres loucas* (Poesia, 2018); *Todos os abismos convidam para um mergulho* (Romance, 2017) – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018; *Na escuridão não existe cor-de-rosa* (Contos, 2015) – semifinalista do Prêmio Oceanos 2016; *Sob os escombros* (Contos, 2014); e *Do todo que me cerca* (Crônicas, 2012). Organizou a antologia de contos *Novena para pecar em paz* a convite da Editora Penalux, em 2017. Tem textos e poemas publicados em diversas antologias e em revistas literárias.

A MULHER DE 40 ANOS

Malba Araújo

Poema inspirada na performance poética “Demônia”
apresentada pela poeta Argentina Castro.

Uma mulher de 40 anos mostrando a bunda?
Só pra passar vergonha
Bunda murcha
Peito murcho
Pinguelo murcho
A mulher de 40 anos é colocada no limbo, entre uma vida de juventude vivida pra agradar a quem só fudeu sem dar prazer
E uma vida de velhice esquecida no desespero de tentar agradar, sem ter quase nada mais pra dar...

O cabelo que tem que pintar
A Mari Kay que tem que passar
O sol que não pode tomar
A buceta que tá ruim de melar

O tempo não é dado as mulheres.
O senhor do tempo são os homens!
Sem culpa, pouca cobrança, liberdade...
Crescer sem ninguém tocar seu peito? Meu sonho....
Para as mulheres sobra apenas fragmentos de tempo, tempos confusos trazidos pela mão do medo...

Medo de trepar demais
Medo de trepar de menos
Medo de ter filhos
De não ter também
Medo de nunca ser suficiente
Medo de falar besteira
Medo de envelhecer
Medo de não servir

E passamos no tempo carregando nosso saco de ossos pontudos, nossos cadáveres semi viventes.
Uma prisão travestida de vida ou
Uma vida travestida de prisão

A mulher-velha, a velha -mulher, a mulher- cadáver



Malba Araújo, 38 anos. Professora da Rede Estadual de Ensino, feminista, pertencente ao clã das cicatrizes, poeta nas madrugadas insones. Mãe de um sol e uma lua. Integrante da coletiva de mulheres" Elas poemas: Escritas Periféricas."







Juliana Meira

quero ter esperança não que seja boa palavra
quero ter esperança não que já não tenha tido por-
que minha esperança desaba toda vez que age
quero ter esperança por isso escrevo esperança
que bobagem



Juliana Meira vive na serra gaúcha, em Canela. Publicou, entre outros, *água dura* (Artes & Ecos, 2019) e *na língua da manhã silêncio e sal* (Modelo de Nuvem/Belas Letras, 2017), livro vencedor do Prêmio Minuano de Literatura na categoria Poesia no ano de 2018.

TRANSTORNO PARA OS POMBOS

Adriane Garcia

Um dia o povo decidiu
Levar todas as estátuas
Que celebravam os seus opressores
Para dentro de um enorme museu

Antes disso, o povo decidiu
Que era oprimido
Quem eram os opressores
E que tipo de povo queria ser

Depois fincou a placa
Museu da Opressão
E embaixo de cada estátua
Outra placa

Podia ter decidido, o povo
Pela derrubada, por queimar
Por explodir e tudo isso
Também seria história

E não era a mesma coisa
Queimar essa e aquela estátuas
Porque esse povo desacreditava
Em racismo reverso

No lugar dos que oprimiam
Os que libertavam
Mas antes disso
O povo decidiu
Que era um povo.



Adriane Garcia, poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou *Fábulas para adulto perder o sono* (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), *O nome do mundo* (ed. Armazém da Cultura, 2014), *Só, com peixes* (ed. Confraria do Vento, 2015), *Embrulhado para viagem* (col. Leve um Livro, 2016), *Garrafas ao mar* (ed. Penalux, 2018), *Arraial do Curral del Rei – a desmemória dos bois* (ed. Conceito Editorial, 2019) e *Eva-proto-poeta*, (ed. Caos & Letras, 2020)

RUMO

Amanda Vital

a colega que mora longe é um papel amassado
no rodapé à diagonal da lixeira ao lado da porta
de saída no fundo para não incomodar ninguém
quando tiver de ir no talo das horas pra apanhar
o último ônibus da volta dos minutos quebrados
a voz da colega que mora longe é uma surpresa:
um corpo estranho que colide contra as paredes
que faz brotar uma certa não-ausência repentina
um algo-que-não-deveria-estar-ali uma esquisita
mulher sem rosto: a colega é essa casa nas costas
sempre a mover-se enquanto animal incapturável
deixando seu rastro de terra e pólens de plátanos
e a colega que mora longe é uma rajada de vento
a fazer aumentar fendas em nosso espaço-tempo



Amanda Vital é assistente editorial da editora Patuá, editora-adjunta da revista Mallarmargens e mestranda em Edição de Texto pela Universidade Nova de Lisboa. Autora do livro *Passagem* (Patuá, 2018). Tem poemas e traduções em revistas, jornais e suplementos literários do Brasil e de Portugal, além de publicações em antologias. É assistente técnica do evento anual Raias Poéticas: Afluentes Ibero-Afro-Americanos de Arte e Pensamento, com curadoria de Luís Serguilha.

Deborah Dornellas

VERBO

Para todas as Marielles

Pactua o insilêncio
E que o sentido nasça da
Fricção dos teus pensamentos
Com as tuas palavras

Deixa soltos o sonho e o verbo
A voz
Grita alto
Mais alto
Mais ainda
Para que te ouçam longe
Além das águas cercas prédios
Montanhas árvores
Séculos

Se te calas
Perdes a trilha:
Os pássaros já comeram
As migalhas de pão
Que te marcaram
O caminho da vinda

FONTE

não precisa cavar muito pra me fazer
brotar
estou à flor da pele da terra
mina nascente olho d’ água
fonte jorro

se cavar demais
morro



Deborah Dornellas é brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro e migrou com os pais para Brasília, onde cresceu. De 2011 a 2019, viveu em São Paulo. Escritora, jornalista e aprendiz de artista plástica. Mestra em História e pós-graduada em Formação de Escritores. Em 2012, publicou *Triz* (In House), reunião de poemas. Desde 2013, integra o Coletivo Literário Martelinho de Ouro. Tem poemas, contos e ilustrações publicadas em diversas revistas literárias (Pessoa, Mallarmargens, Germina, Gueto, Diversos Afins, Ruído Manifesto, Escrita Droide, Laudelinas, entre outras). Seu romance de estreia, *POR CIMA DO MAR* (Patuá, 2018), foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2019 e venceu o Prêmio Literário Casa de las Américas 2019, na categoria "Literatura Brasileira".

A DOR FANTASMA

Kátia Borges

Tenho as mãos vazias
e horizontes perdidos.
Meu coração vai
onde a vista não alcança.

Meu coração,
treze caravelas,
não descobriu
país algum.

Meus dedos festejam
um braço invisível
e dores fantasmas,
esse vício:
agarrar-se às coisas.

Sinto o vazio espalmado
contra o vento que me cobra
ser possível,
uma pilhéria
de que os livros não dão conta.



Kátia Borges, baiana de Salvador, Kátia Borges é autora dos livros *De volta à caixa de abelhas* (As letras da Bahia, 2002), *Uma balada para Janis* (P55, 2009), *Ticket Zen* (Escrituras, 2010), *Escorpião Amarelo* (P55, 2012), *São Selvagem* (P55, 2014), *O exercício da distração* (Penalux, 2017) e *A teoria da felicidade* (Patuá, 2020). Tem poemas incluídos nas coletâneas *Roteiro da Poesia Brasileira, anos 2000* (Global, 2009), *Traversée d'Océans – Voix poétiques de Bretagne et de Bahia* (Éditions Lanore, 2012), *Autores Baianos, um Panorama* (P55, 2013) e na *Mini-Anthology of Brazilian Poetry* (Placitas: Malpais Rewiew, 2013).



PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO

Ilustrações



Deborah Dornellas é brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro e migrou com os pais para Brasília, onde cresceu. De 2011 a 2019, viveu em São Paulo. Escritora, jornalista e aprendiz de artista plástica. Mestra em História e pós-graduada em Formação de Escritores. Em 2012, publicou *Triz* (In House), reunião de poemas. Desde 2013, integra o Coletivo Literário Martelinho de Ouro. Tem poemas, contos e ilustrações publicadas em diversas revistas literárias (Pessoa, Mallarmargens, Germina, Gueto, Diversos Afins, Ruído Manifesto, Escrita Droide, Laudelinas, entre outras). Seu romance de estreia, *POR CIMA DO MAR* (Patuá, 2018), foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2019 e venceu o Prêmio Literário Casa de las Américas 2019, na categoria "Literatura Brasileira".

Ilustrações: p. 41; p. 82.



Marcela Maria Azevedo é uma errante – na vida e na poesia. Nasceu num 29 de fevereiro – o dia mais raro do mundo – na cidade Petrolina-PE e, talvez por isso, por carregar a raridade do mundo na carne, tenha feito sua trajetória atravessando o país de leste a oeste, de norte a sul. É também pesquisadora das palavras, faz doutorado em teoria psicanalítica, onde estuda a obra do poeta Max Martins, seu favorito, o que a garante também ser uma pesquisadora do amor. Seu primeiro livro *todas as mães são tiranossauras* será lançado em 2021 pela editora urutau.

Colagem: p. 32

Sofia Nabuco, 20 anos é ilustradora. Nasceu em São Paulo, mas mora na capital mineira há sete anos. Tem ilustrações publicadas em revistas como OuroCanibal e Laudelinas. Em seu Instagram: @rabiscofia, posta ilustrações diárias e divulga seus outros trabalhos.

Ilustração: p. 50;



Fotografias



Kamila Ataíde é recifense, fotógrafa, publicitária e produtora cultural. Na fotografia, tem foco em ensaios femininos e experimentos em foto e vídeo. Conduz projetos pessoais, tendo dado vida aos projetos Varanda, Rutilismo e Maternité. Publicitária por formação e produtora cultural por amor ao Recife. Instagram: @kamis.raw
Ensaio: p. 73; p. 74 -75;

Editoração

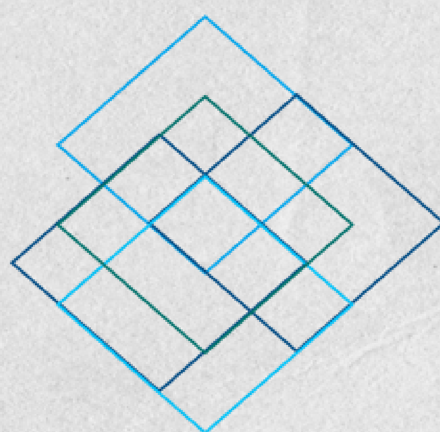


Taciana oliveira é cineasta, formada em comunicação social: rádio e TV, defensora das causas sociais por vocação, coordena as revistas Laudelinas e Mirada e é editora de Selo do mesmo nome. Natural do Recife, é leão com ascendente em leão e lua em virgem. Há anos protela o lançamento de seu primeiro livro, *Coisa Perdida*, mas um dia ele sai.

Design Editorial

Rebeca Gadelha é Otaku, Gamer, Artista Digital e Geógrafa sem senso de direção. Tem um fraco por criaturinhas peludas e chá gelado. Participa da Plataforma Mirada como Designer Gráfico e curadora. Atualmente trabalha com edição de vídeo do projeto Literatura & LIBRAS (instagram @literaturalibras), escreve no Medium sob o pseudônimo de Jaded. É autora de *Reminiscências (*Selo Mirada, 2020*)*, livro de memórias. IG: @ohmybecka





MIRADA